

A última fronteira

Para cientistas, pastagem compromete riqueza futura

Do enviado especial

Desmatar significa mais do que eliminar o mítico "verde" do ambientalismo romântico. É a própria capacidade de sustentação da floresta que desaparece —ou seja, a possibilidade de extrair riqueza dela. As enormes pastagens semeadas por incentivos fiscais nos grandes projetos agropecuários sobrevivem apenas três a cinco anos sem recurso intensivo a fertilizantes. Pior, aumentam a emissão de carbono, contribuindo para o ainda polêmico efeito estufa, pois são requeimadas de dois em dois anos.

As fazendas de gado, consideradas por Schubart e Fearnside a pior forma de ocupação da Amazônia por seu alto custo ecológico e baixa geração de empregos, disseminaram-se especialmente em Mato Grosso e Rondônia, não por acaso os campeões em área desmatada —cerca de 17% de seus territórios. Tais fazendas são o último passo de um processo que começa com a abertura de uma grande estrada —como a Cuiabá-Porto Velho, BR-364— e a atração de colonos alijados pela questão fundiária no

resto do país. A atividade madeireira, eleita pela mídia como grande vilã do desmatamento, é na verdade uma atividade secundária: "O que está destruindo a Amazônia não é a extração de madeira, mas sim a agropecuária e a colonização", afirma Schubart.

A próxima parada da frente de devastação é o Acre, por onde deve prosseguir a BR-364, na divisa com o Amazonas. O financiamento internacional para a obra, embargado por dois anos, pode agora ser facilitado com a demonstração de boa-vontade do governo Sarney pelo programa "Nossa Natureza" —que teve até agora como efeitos práticos a criação de grupos de estudo e a suspensão da exportação da madeira em toras pelo prazo de 90 dias (prorrogados por mais 90).

Treinados para vislumbrar o futuro, os cientistas acusam governantes —um pouco visionariamente, talvez— de não enxergar a verdadeira riqueza potencial da Amazônia. Ela estaria na inigualável diversidade biológica, que deve ser encarada não como fonte de matérias-primas, mas

antes de informações, organismos e substâncias para ciências em franca expansão como a biotecnologia e a engenharia genética. Esta é a filosofia que estaria implícita, de maneira ainda tosca, na proposta de reservas extrativistas defendida pelos seringueiros.

Enquanto o futuro não chega, muitos cientistas descobriram a importância de municiar o movimento ambientalista com informações precisas e verificadas —afinal, esta é a sua especialidade. Muitos se dispõem mesmo a aprender com os conhecimentos acumulados por seus predecessores, os índios. Favorecidos como estes pela momentânea preocupação internacional e dificuldades financeiras da Eletrobrás têm no caso das hidrelétricas do rio Xingu uma oportunidade única de introduzir alguns de seus argumentos sobre a mesa das decisões, se a pressão social e a nova ordem constitucional forem de fato capazes de aumentar-lhes a publicidade —ainda que este caminho passe pelas telas de TV e pelas primeiras páginas de jornais dos Estados Unidos e da Europa. (ML)



Criação de gado em Rondônia, um dos problemas responsáveis pela devastação dos recursos naturais da região

COMO SE CONQUISTA A ÚLTIMA FRONTEIRA

Alguns dos grandes projetos de exploração da Amazônia legal e seu impacto sobre a floresta e populações indígenas

